

O ENSINO DA GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA FREIREANA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

Ana Paula Torres de Queiroz (1); Wagner Salgado da Silva (1)

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO, anaqueiroz@recife.ifpe.edu.br

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO, wagnersalgado@hotmail.com.br

Resumo:

O artigo traz reflexões sobre o ensino da Geografia no Ensino Fundamental numa perspectiva freireana. Discute a prática de ensino do professor de Geografia, a partir da observação dos estudantes do IFPE, do Estágio Supervisionado I. Procurou responder aos seguintes questionamentos: por que mesmo diante de diferentes possibilidades de se trabalhar os conteúdos da ciência geográfica, os professores costumam nortear suas práticas pela pedagogia tradicional? É possível um diálogo entre o pensamento freireano e a geografia escolar? O interesse por este tema surgiu a curiosidade em analisar se o ensino do componente curricular Cartografia Básica possui uma proposta pedagógica que supere o ensino da geografia tradicional, ainda tão presente na educação básica, cujas particularidades Freire denominou de educação bancária. Educar não significa transmitir um saber pronto e acabado, no qual o aluno se torna um mero receptor de conhecimentos. Ao trabalhar conteúdos geográficos com os seus educandos o educador deve estimular a curiosidade. Não adianta memorizar mecanicamente o conteúdo sem ter a liberdade de aventurar-se no mundo do conhecimento. A prática pedagógica freireana é comunicativa, dialógica, onde não se objetiva somente transferir o saber, mas sim significar os significados. Deve-se respeitar a autonomia e as experiências vivenciadas por cada aluno. Entre os conteúdos da geografia, cabe destacar a cartografia. A Cartografia é um importante meio para a interpretação de representações no ensino da Geografia, tanto no que se diz respeito à localização de fenômenos geográficos ou à compreensão desses no espaço. É por meio dela que se pode estudar o espaço geográfico, buscando compreender a realidade no que tange às questões ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais, sobretudo, na qual as distintas sociedades fazem parte; além de poder fazer analogias entre essas. A pesquisa em tela teve uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. Com relação à coleta de informações, foi aplicado um questionário semiestruturado para os estudantes da turma do sexto período do curso de Licenciatura em Geografia. Esses discentes concluíram o componente curricular Estágio Supervisionado I, que é voltado para a observação das aulas de Geografia no ensino fundamental (6º ao 9º ano). Para organização e tratamento dos dados, tomamos como referência a técnica de análise de conteúdo. Ao pensarmos na prática de ensino do professor de Geografia do ensino fundamental, com relação aos saberes cartográficos, a partir do olhar freireano, percebemos um distanciamento do ensino da geografia escolar como uma ciência questionadora da realidade. Entendemos a dificuldade dos professores de auxiliar os estudantes na leitura do mundo de forma autônoma, não restrita aos conteúdos dos livros didáticos. Isto deve-se, provavelmente, a uma formação de professores ainda com tendências tradicionais, voltadas para a memorização e deslocada da realidade vivida. Faz-se necessário que a luta pela educação libertadora e o combate à educação bancária norteiem as atuais práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores de Geografia.

Palavras-chave: ensino, geografia, Paulo Freire.

1. INTRODUÇÃO

O artigo em tela traz reflexões sobre o ensino da Geografia no Ensino Fundamental, numa perspectiva Freireana. Discute a prática de ensino do professor de Geografia, a partir da observação dos estudantes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, do Estágio Supervisionado I.

Este estudo faz parte do projeto de pesquisa intitulado: A formação de professores do curso de licenciatura em Geografia: um estudo sobre a Cartografia, desenvolvido com incentivos do Programa de Pesquisa– PIBIC/ IFPE.

O interesse por este tema surgiu da curiosidade em analisar se o ensino do componente curricular Cartografia Básica possui uma proposta pedagógica que supere o ensino da geografia tradicional, ainda tão presente na educação básica, cujas particularidades Freire denominou de educação bancária.

Em Geografia preocupa o ensino na perspectiva do conhecimento transmitido. Educar não significa transmitir um saber pronto e acabado, no qual o aluno se torna um mero receptor de conhecimento. A educação não deve ser abordada de forma que o educador torna-se um narrador de um saber pronto, no qual o conhecimento é transferido aos educandos, de modo que estes somente absorvem os conteúdos trabalhados. (FREIRE, 2006). Os conteúdos abordados pela disciplina Geografia, devem ser trazidos aos olhos dos alunos, ou como diz Cavalcanti (2012), trabalhar a geografia do aluno como referência do conhecimento geográfico construído em sala de aula.

A pedagogia freireana nos traz a possibilidade da libertação através da aprendizagem. Para que isto se concretize, é necessário construir uma proposta pedagógica que que supere o ensino da geografia tradicional, ainda tão presente na educação básica, cujas particularidades Freire denominou de educação bancária e que têm as características a seguir:

O professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma Consciência bancária. O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se para arquivar o que se deposita. Mas o curioso é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar, se faz menos homem, é uma peça. O destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo sujeito da sua ação. (2007, P. 38.)

Uma educação libertadora não se refere apenas aos aspectos fenomenológicos, mas políticos, culturais, sociais e espaciais. Freire acredita que o espaço geográfico é revelador da realidade.

Ao trabalhar conteúdos geográficos aos seus educandos o educador deve estimular este à curiosidade. Não adianta memorizar mecanicamente o conteúdo sem ter a liberdade de aventurar-se no mundo do conhecimento. A prática pedagógica freireana é comunicativa, dialógica, onde não se objetiva somente transferir o saber, mas sim significar os significados. Deve-se respeitar a autonomia e as experiências vivenciadas por cada aluno. Antes da ciência e do formalismo deve vir a experiência cotidiana dos indivíduos. A aprendizagem da vida deve vir acompanhada da aprendizagem escolar. (SILVA, P.12, 2016).

A preferência pela Pedagogia da Libertação traz um desafio ao docente que pretende organizar os conteúdos e elaborar material didático para o ensino da Geografia. Se, o objetivo do ensino de Geografia é instrumentalizar nossos alunos à capacidade para perceber a espacialidade particular de cada sociedade, devemos entender e propor atividades que favoreçam a compreensão dos rumos de determinada comunidade ou sociedade.

Entre os conteúdos da geografia, cabe destacar a cartografia. O trabalho com cartografia desperta a curiosidade de pesquisadores que denunciam a ausência de trabalho com cartografia, práticas inadequadas ou propõem formas mais adequadas a um ensino crítico de geografia (Simielli 1999; Cavalcanti 1998, 2010a). A forma de se trabalhar com a cartografia em sala de aula, pode levar ao desenvolvimento de um estudante leitor crítico ou um estudante que simplesmente usa o mapa para localizar fenômenos.

A Cartografia é um importante meio para a interpretação de representações no ensino da Geografia, tanto no que se diz respeito à localização de fenômenos geográficos ou à compreensão desses no espaço. É por meio dela que se pode estudar o espaço geográfico, buscando compreender a realidade no que tange às questões ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais, sobretudo, na qual as distintas sociedades fazem parte; além de poder fazer analogias entre essas.

Todavia, tanto professores e estudantes universitários, como professores e estudantes da educação básica, têm dificuldades na apropriação dos conhecimentos cartográficos e, como no caso dos docentes, também no trabalho de articulação de ambos os saberes: cartográficos e geográficos.

Difícilmente esses conhecimentos são trabalhados de uma forma crítica/reflexiva, mas sim, de maneira tradicional. Isso é reflexo da dificuldade que grande parte dos profissionais da Geografia ainda possuem na construção articulada desses saberes de um modo que sempre objetive à compreensão do espaço. Sem contar que a humanidade, de modo geral, possui dificuldade em

apropriar esses conhecimentos, e mais ainda, de maneira crítica/reflexiva, não sendo diferente, nesse sentido, pelos educadores da ciência geográfica.

Entendemos que o ensino da geografia pode ter como base os pressupostos de Freire, ao permitir que os estudantes compreendam os conteúdos geográficos a partir da sua leitura de mundo. É o que chamamos de geografia do aluno. Nas palavras de Freire (2001), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

Em geografia, uma forma de se fazer conforme nos ensina Freire, é por meio da leitura do espaço. Ler o mundo é o ato de perceber o espaço geográfico e sua representação. Ensinar Geografia é dialogar com o mundo possibilitando ao educando que amplie seus significados construídos transformando as suas descrições em discursos impregnados de criticidade.

Neste sentido, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica simples, acrítica, cujas representações refletem apenas as realidades territoriais. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa. É necessário aprender a ler o espaço, “que significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido” (Castelar, 2000, p. 30). Fazer essa leitura demanda uma série de condições, que podem ser resumidas na necessidade de se realizar uma alfabetização cartográfica, e esse “é um processo que se inicia quando a criança reconhece os lugares, conseguindo identificar as paisagens” (idem, *ibid.*).

Como sabemos, ensinar geografia vai além da memorização dos aspectos físicos e humanos do globo terrestre, não diminuimos a importância de aprender os aspectos que necessitem da memorização, mas não limitamos o ensino a isso, já que a relação do aluno entre o aprendido e o mundo deve ser de atuação, de intervenção, de crítica e de atividade. Para isso, o papel do professor de Geografia é fundamental e deve ser de compromisso com valores que possibilitem a autonomia dos alunos. A autonomia é um outro ponto chave do pensamento de Freire.

Segundo Freire (2010), um saber necessário a prática educativa é o que fala do respeito devido ao educando. O respeito à autonomia é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder ao outro. Neste sentido, o professor precisa respeitar a curiosidade, a inquietude, a sua linguagem. O professor de Geografia para Freire poderia contribuir para a reflexão crítica de seus alunos agindo de acordo com princípios éticos de respeito ao que o aluno já traz de conhecimento seja ele escolar ou empírico.

As contribuições de Freire no despertar da autonomia do educador e dos educandos, dentro da perspectiva geográfica, se consubstanciam de maneira criativa e participativa, uma vez que lida com o cotidiano e a crítica da sociedade, através de temáticas atuais que aguçam a inteligibilidade e a cognição dos educandos a partir das informações que são vivenciadas e veiculadas pela mídia, bem como desmistificadas e aproveitadas durante o processo de ensino- aprendizagem (MENDES, 2010, p.28).

Isto posto, vale salientar, ainda, que um dos objetivos do cursos de licenciatura em geografia, é possibilitar que os futuros professores se apropriem dos conceitos da ciência geográfica e os relacionem com os conteúdos cartográficos, de tal modo que eles consigam trabalhar esses saberes de forma segura com os seus futuros educandos, fazendo com que eles não somente identifiquem e memorizem a localização de determinadas regiões do globo terrestre, como era feito há algum tempo, mas também, tornem-se sujeitos críticos/reflexivos de sua realidade, de tal modo que compreendam as múltiplas questões do espaço ao qual estão inseridos.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, nos ancoramos, principalmente, em estudos de autores como Freire (2010,2007, 2001), Castellar (2000) e Smielli (2015), que discutem sobre a necessidade da quebra do paradigma tradicional de abordar os conteúdos e a importância de se trazer o ensino para próximo das vivências dos estudantes, dotando conseqüentemente, a aprendizagem de sentidos. No caso da geografia, ensinar a geografia do aluno.

Diante do exposto até aqui, torna-se importante responder as seguintes questões: por que mesmo diante de diferentes possibilidades de se trabalhar os conteúdos da ciência geográfica, os professores costumam nortear suas práticas pela pedagogia tradicional? É possível um diálogo entre o pensamento freireano e a geografia escolar? Respaldados, tanto pela prática, quanto pela literatura, temos como pressuposto que é possível romper com a educação bancária presente nas aulas de geografia e fazer deste componente curricular algo agradável e significativo para a vida dos estudantes.

Esperamos com este artigo contribuir com as discussões sobre o pensamento de Paulo Freire no ensino da ciência geográfica, numa perspectiva de respeito à autonomia do aluno, seus saberes e vivências. De uma educação Libertadora, que instrumentalize os estudantes à leitura crítica e a transformação do mundo.

2. METODOLOGIA

A pesquisa em questão, teve como ponto de partida a pesquisa bibliográfica que, segundo Lakatos; Marconi (1992), é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Segundo a natureza dos dados, a pesquisa enquadra-se no tipo de abordagem qualitativa. De acordo com Strieder (2009, p. 45) a pesquisa qualitativa “tem como preocupação maior [estudar e refletir] os valores, as crenças, as opiniões, as atitudes, as aspirações e as representações dos sujeitos”. Com relação aos elementos procedimentais de pesquisa, definimos como campo de estudo o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), especificamente o curso de Licenciatura em Geografia – Campus Recife. Como sujeitos da pesquisa tivemos os estudantes da turma do sexto período desse mesmo curso e campus. Esses discentes concluíram o componente curricular Estágio Supervisionado I, que é voltado para a observação das aulas de Geografia no ensino fundamental (6º ao 9º ano).

Com relação à coleta de informações, foi aplicado um questionário semiestruturado que é assim definido: Técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.. (GIL, 1999, p. 128).

Para organização e tratamento dos dados, tomamos como referência a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Segundo a autora, a análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos, os objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores quantitativos ou não, que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens. As fases desta metodologia são: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados.

Na discussão dos dados, os estudantes serão identificados conforme o exemplo: E1-estudante 1, E2 – estudante 2, e assim em diante.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As questões a serem discutidas, versam sobre a utilização de instrumentos/representações cartográficas durante as aulas de geografia observadas. Eis alguns fragmentos das respostas dos estudantes estagiários encontradas nos questionários:

Sim, na medida do possível o professor buscava utilizar equipamentos e técnicas cartográficas para situar melhor os estudantes a cada realidade a serem estudadas. (E 1).

Não utilizava porque ela não possui formação específica na área de Geografia e não possui o domínio do conteúdo. (E 2).

Não: Usava apenas o livro como exemplos. (E 6).

Não em todos. Quando ele utilizava era de forma bastante descritiva e rápida; (E7).

Não utilizava por falta de estrutura da escola e também por falta do domínio de conteúdo da professora. (E 5).

A aula se resumia a leitura do livro didático e exercícios. (E 9)

Não. ‘Ele só utilizou o mapa político. (E 3)

Não. Apenas citava os exemplos do livro e explicava no quadro. (E 4).

Sim, estabelecendo uma ponte entre o saber cartográfico e os saberes humanos, físicos e locais de forma crítica”. (E 8)

Através das respostas é possível inferir que o ensino da geografia está pautado na concepção tradicional. Esta forma de ensinar pode estar relacionada a formação profissional do docente voltada para a memorização e deslocada da realidade vivida.

Apenas dois estudantes mencionaram o ensino da cartografia estabelecendo relações críticas. Para romper com a prática tradicional da sala de aula, é preciso que haja concepções teórico - metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta.

Os conceitos geográficos devem relacionar-se às experiências cotidianas dos alunos associando-se assim, teoria à prática. O ensino de Geografia deve levar a compreensão do presente e a tomada de responsabilidade quanto ao futuro.

É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo. É preciso ainda se distanciar um pouco do saber livresco, conhecer o que o outro sabe a respeito dos conteúdos, ultrapassa os limites dos mapas físicos, pois como nos diz Freire (2010), ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. “ Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo de ensina(...) Porque dirá um educador(...) a escola não é partido. Ela tem que ensinar

conteúdos. Entendemos que a conscientização deva estar intrínseca à prática pedagógica em Geografia, pois não vemos uma participação dos sujeitos na transformação social sem esta dimensão.

Pensar o mundo somente através da lógica formal não traz eficazes resultados no desenvolvimento de uma boa prática pedagógica. Para explicar o mundo deve-se revisitá-lo, desvelar seus efeitos com plenitude, redescobrir seus significados, recuperar identidades e decodificar imagens.

Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do contexto.

4. CONCLUSÃO

O artigo em tela trouxe reflexões sobre o ensino da Geografia no Ensino Fundamental, numa perspectiva freireana. Discutiu a prática de ensino do professor de Geografia, a partir da observação dos estudantes do IFPE, do Estágio Supervisionado I.

Procurou responder aos seguintes questionamentos: por que mesmo diante de diferentes possibilidades de se trabalhar os conteúdos da ciência geográfica, os professores costumam nortear suas práticas pela pedagogia tradicional? É possível um diálogo entre o pensamento freireano e a geografia escolar?

Ao pensarmos na prática de ensino do professor de Geografia do ensino fundamental, com relação aos saberes cartográficos, a partir do olhar freireano, percebemos um distanciamento do ensino da geografia escolar como uma ciência questionadora da realidade. Entendemos a dificuldade dos professores de auxiliar os estudantes na leitura do mundo de forma autônoma, não restrita aos conteúdos dos livros didáticos. Isto deve-se, provavelmente, a uma formação de professores ainda com tendências tradicionais, voltadas para a memorização e deslocada da realidade vivida.

Um dos objetivos dos cursos de licenciatura em geografia, é possibilitar que os futuros professores se apropriem dos conceitos da ciência geográfica e os relacionem com os conteúdos cartográficos, de tal modo que eles consigam trabalhar esses saberes de forma segura com os seus futuros educandos, fazendo com que eles não somente identifiquem e memorizem a localização de determinadas regiões do globo terrestre, como era feito há algum tempo, mas também, tornem-se

sujeitos críticos/reflexivos de sua realidade, de tal modo que compreendam as múltiplas questões do espaço ao qual estão inseridos.

Faz-se necessário que a luta pela educação libertadora e o combate à educação bancária norteiem as atuais práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores de Geografia.

Entendemos que é possível romper com a educação bancária presente nas aulas de geografia e fazer deste componente curricular algo agradável e significativo para a vida dos estudantes, apoiando o ensinar e o aprender na pedagogia de Paulo Freire.

Esperamos com este artigo contribuir com novas discussões sobre o pensamento de Paulo Freire no ensino da ciência geográfica, numa perspectiva de respeito à autonomia do aluno, seus saberes e vivências. De uma educação Libertadora, que instrumentalize os estudantes à leitura crítica e a transformação do mundo.

5. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977

CASTELLAR, S.M.V. **A alfabetização em geografia**. Espaços da Escola, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4ª. São Paulo: Editora Atlas, 1992

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**. vol.15, n.42: São Paulo: Paz e terra 2001.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler** Em Três artigos que se completam. 41ª edição: São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 30ª edição: São paulo, Paz e Terra, 2007

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41ª Edição. São Paulo: Paz e terra, 2010.

MENDES, M.F. A obra **Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire e a prática docente na Geografia**: Contribuições para o Pensamento Geográfico. Fortaleza: Revista Geosaberes, 2010. p.27-36.

SILVA, Matheus Machado. **Contribuições do educador Paulo Freire para o ensino de Geografia**. Minas Gerais: Editora Perpectiva, 2016.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. IN: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **A Geografia na Sala de Aula**.9.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

STRIEDER, R. **Diretrizes para elaboração de projetos de pesquisa**. Joaçaba: Unoesc, 2009.